



LITERATURA E IDENTIDADE (S) **algum percurso de Ruy Duarte de Carvalho**

Rita Chaves (USP)

O tema é identidade e o país é Angola, isto é, não há espaços para qualquer simplificação. O assunto é delicado, e o país é dono de uma das realidades mais convulsionadas desse universo que o temário do Congresso deve cobrir. Assim sendo, uma opção coerente talvez seja operar um recorte capaz de refletir, de modo vivo, os impasses e as sugestões dessa longa trajetória que tem sido o processo de constituição do que podemos melhor chamar de identidades angolanas. O uso do plural exprime, pois, a convicção de que a noção de identidades parcelares, utilizada por alguns estudiosos, no caso angolano é mesmo um conceito que se impõe.

Meu campo de trabalho é a literatura, essa produção marcada, à partida, pela sinuosidade dos caminhos, pela diversidade de concepções, pelas redes de significado, pelo jogo de complicadas relações estabelecidas com a realidade, com a sociedade, com a História dos povos. Produzida em língua portuguesa, a literatura angolana é, sem dúvida, um manancial de questões afeitas ao terreno tensionado das discussões acerca da(s) identidade(s). E entre os autores que Angola apresenta, julgo que o nome de Ruy Duarte

de Carvalho pode ser um bom ponto de partida para a abordagem de alguns dos problemas que essa discussão levanta.

Antes de mais nada, o nome de Ruy Duarte de Carvalho prende-nos a atenção pelo caráter plural e diversificado que caracteriza sua obra. Poeta, cineasta, antropólogo, ficcionista, desenhador, o autor tem se esgrimado com a realidade em que vive na busca de expressões aptas a falar daquilo que tem sido motivo de angústia e inspiração: Angola dos últimos trinta anos. Trata-se de um percurso instigante, “por vezes pouco ortodoxo, dentro de um contexto á de si muitodiferenciado, marcado e incômodo, segundo o próprio autor, em seminário realizado na USP, em maio último. Em tal itinerário, podemos notar o empenho na elaboração de um instrumental que, embora tributário da chamada cultura ocidental, assume um compromisso de fundo no tratamento de questões que o mesmo ocidente tem dificuldade em perceber. Em meio a tantos problemas, que se renovam e/ou se repetem, um parece se eternizar na reiveindicação de novos e novos olhares: a relação entre a tradição e a modernidade, aí incluindo-se os jogos que se armam entre os espaços internacionalizados e os códigos que regulam a vida das sociedades não completamente inserida nos terrenos do que já se convencionou reconhecer como globalização. Tem sido esse espaço intervalar a arena em que os angolanos se debatem na construção de uma identidade cultural. E tem sido fundamentalmente essa a preocupação do nosso autor, seja qual for o campo do conhecimento que seleciona para exercitar sua reflexão. No campo da Antropologia, seus trabalhos não se detêm sobre outro objeto, no terreno da literatura, seja na poesia ou na ficção, o escritor também afia o seu verbo procurando exprimir os diversos mundos que, fora dos setores mais ocidentalizados, são, via de regra, excluídos ou abordados segundo paradigmas que vêm aumentar a carga de equívocos que cercam suas existências desde o tempo colonial.

Chão de oferta, volume de poesias editado em 1972, é o primeiro livro. E a partir de então Ruy Duarte não se deu mais trégua, lançando-se num saudável ainda que obsecado exercício de compreender e interpretar o real com as armas que a poesia oferece. Nos primeiros poemas revela-se já o sentido de autonomia de sua produção. Cultivando certas

linhas, ele demarca-se da atmosfera dominante que se respirava em Angola no início dos anos 70, quando eclodiam os apelos a uma literatura que queria celebrar o canto coletivo. Eram os tempos das noites grávidas de punhais e do canto armado, para lembrar as belas expressões com que Mário de Andrade nomeou suas antologias. Em *Chão de oferta* e *A decisão da idade*, de 1976, outras veredas são percorridas. Apontar a diferença não implica, entretanto, estabelecer hierarquia. Ao contrário, o reconhecimento de certas dissonâncias pode ajudar a desfazer um dos equívocos que cercam a literatura angolana, qual seja a sua uniformidade. Já nos anos 70, Ruy Duarte e David Mestre atestavam essa saudável diversidade que muitos discursos tentam obliterar. O lugar que lhes era reservado pelo discurso crítico dominante naqueles anos é ponto para outra pauta.

Retornando à produção de Ruy Duarte, como já aludimos, singulariza-a o recurso a variadas formas de linguagem. E ele mesmo auxilia-nos na observação de seu trabalho:

Foi de alguma forma a poesia que me fez passar pelo cinema e foi a partir do cinema que me tornei antropólogo. Por outro lado, se no meu caso a expressão escrita, através da poesia precedeu, e influenciou a expressão cinematográfica, o que na realidade me levou a fundir a minha própria expressão escrita aos recursos, às expressões e aos registos da oralidade que tenho frequentado, foram em grande parte as experiências e as diligências a que a demarche cinematográfica me terá conduzido.

As pistas estão dadas e conduzem-nos a uma característica ainda mais instigante de seu repertório: a sua capacidade de misturar gêneros, mesclando procedimentos, misturando concepções, formulando aproximações, reiventando o seu modo de ver o mundo e a dicção que ele exige.

Pra ficarmos apenas no campo da escrita, seu trabalho desenvolve-se numa extensa produção. São nove os livros de poemas, sem contar as antologias. *Como se o mundo não*

tivesse leste, volume de contos, editado inicialmente em 1977, ganhou nova versão em 2003, três anos depois da edição de seu primeiro romance, *Os papéis do inglês*. No domínio ensaístico, entre outros, temos *Ana a manda – os filhos da rede*, *O camarada e a câmara*, *Aviso à nevegação*, *A câmara, a escrita e a coisa dita*. A articular todos esses textos, ergue-se uma certa dificuldade de classificação encontrada pelo leitor.

Em *Ondula, savana branca*, por exemplo, o subtítulo do volume já adverte para a particularidade do gênero de escrita que ali se concretiza. “versões, derivações, reconversões”. Criativamente, o autor, diante do terreno que, como cineasta e antropólogo, frequenta, elege como matriz a tradição oral, com a qual ele estabelece um diálogo produtivo cujo resultado é o conjunto de manifestações que o próprio material sugere. São versões dessa sabedoria acumulada por produtores culturais à margem do processo de inclusão que vivem as camadas hegemônicas da população angolana, são textos poeticamente trabalhados, são cantos que decorrem da capacidade de leitura de um poeta que articula as referências com a invenção que a poesia exige.

Essa maneira de fazer poesia refazendo deliberadamente as referências do lugar que pisa será uma constante na obra de Ruy Duarte. Esse refazer, todavia, não significa diluir as redes de sentidos que ele examina, mas tão-somente conferir-lhes um outro enquadramento, explorando a sua potencialidade significativa. De certo modo, ele encarna o papel do narrador da tradição oral ao qual é facultado o direito de recontar as histórias, como bem indicam Denise Paulme, Paul Zunthor e Walter Benjamin, entre outros.

Se é verdade que surpreendemos essa inquietação criativa desde os primeiros livros, verificamos que o tempo vem acentuando esse traço. E nos últimos textos teremos uma radicalização desse processo. Estou me referindo especialmente a *Vou lá visitar pastores*, de 1999, e de *Actas da Maianga*, publicado em 2003. Em ambas as narrativas, também elas diversas entre si, o leitor depara-se com uma escrita que escapa aos rótulos a que, normalmente, o crítico recorre em seu ofício de classificar para melhor entender. A

respeito dessas duas obras, podemos assinalar o que Luís Quintais já afirmara sobre o autor motivado pela leitura de *Observação Directa*:

(...) Ruy Duarte de Carvalho parece induzir uma espécie de deriva e perturbação nos nossos bem comportados modelos ou sistemas de leitura. A singularidade patente neste seu livro resulta do modo como enuncia esta tensão entre imaginação e realidade. Ruy Duarte assume a aporia. Se quisermos, ele expõe a ferida que existe entre imaginação e realidade.

Com efeito, esses dois livros de Ruy obrigam-nos ao exercício de confrontação com a obra ao mesmo tempo em que nos empenhamos em encontrar os elementos que possam mediar a nossa relação com o escrito. Para nós, ocidentais e/ou ocidentalizados, a matéria é nova. Conhecemos pouco ou nada dos temas e precisamos nos adaptar às formas que o autor engendra para refletir sobre eles. Nesse mergulho que somos levados a fazer, decerto modo, desautomatizamos nosso olhar e temos a oportunidade de ver, com uma acuidade maior, os fenômenos que vivem as personagens em foco.

Dadas as limitações de tempo para esa apresentação, vou me deter em *Vou lá visitar pastores*, que os catálogos das livrarias situam na rubrica da antropologia. É certo que temos mais que um ensaio antropológico, acurado, rigoroso, responsável. Ao lado de um olhar etnográfico atento, detectamos a preocupação de alguém que pretende mais que descrever o outro, este ser que se abre e se fecha ao nosso esforço de decifração. Desses pastores que têm sido objeto de pesquisa do autor do livro, com resultados publicados em vários textos, a narrativa tenta chegar mais perto, num movimento de aproximação, no entanto, diferente daquele que comumente se surpreende nos documentos produzidos pelas ciências sociais..

A situação narrativa compõe-se apelando à imaginação e evocando elementos da tradição oral – matriz essencial da cultura desses povos com quem vamos travar contato. Em

síntese, a obra nasce de um acaso: em mais uma viagem pelo Sul do país, o autor seria acompanhado por um amigo jornalista que, entretanto atrasa-se e não pode partir com ele; a possibilidade de sua vinda leva o autor a gravar umas cassetes com dados que seriam úteis no contato entre o amigo e esse universo a ser visitado. De todo o texto estão ausentes as notas, tornando a sua leitura um exercício fluente, como se de um relato se tratasse, uma espécie de diário de uma viagem a ser realizada, pois que o autor escreve antes que essa se concretize, com base na memória das anteriores. A extensa listagem de referências bibliográficas no post-scriptum que integra o livro mostra ainda que a sua memória está povada não só das lembranças de suas “rondas” anteriores mas também das leituras que fez e nas quais se apoiou no prolongado estudo que desenvolve sobre os kuvalas.

Ao lermos os primeiros parágrafos, constatamos que a viagem física seria precedida pela viagem orientada pela palavra na qual também nós podemos embarcar a partir da transcrição dessas cassetes e sua conversão no livro editado em 99. Se uma não se pôde realizar, a segunda abre-se a um número maior de participantes. Fundidos na destinação das informações que o texto reúne, os leitores participamos dessa viagem, percorremos o acidentado dos terrenos, partilhamos de certa forma a experiência que seria dividida com o amigo, “fixado em Londres, repórter da BBC” (p. 11) que se atrasara para a viagem. Empenhado em preparar o suposto destinatário das cassetes, o narrador aguça sua capacidade descritiva, cultivando uma fidelidade aos aspectos físicos da terra a ser visitada. Destaca-se essa mesma vocação no que se refere às gentes que ali vivem. E tudo envolto numa tonalidade que guarda firme sua ligação com a oralidade, sugerindo um tom de conversa muito adequada a função primeira do texto. No fundo, o narrador parece querer retomar aquela função primordial da palavra como fonte de conhecimento e como força mediadora do intercâmbio de experiência.

É preciso, porém, não esquecer que a modernidade metonimizadora nas cassetes (a substituírem a voz direta) impõe sua presença e impede que se reviva integralmente a situação tradicional da transmissão do conhecimento. O quadro ali é mesclado, pois temos

um sujeito que se projeta no texto, que nele exprime suas angústias e perplexidades. O poeta se funde ao antropólogo e envereda-se por outros caminhos:

De projectos que se urdem mas é para não cumprir, do meu arsenal consta um longo poema para desenvolver paralelo a esta sinfonia. Ao primeiro acorde do primeiro andamento corresponde o acordar do poeta no meio de tal paisagem, naquela exacta encosta. O poeta acorda, possui-se do que vê. As frases musicais constituem-se como referências sólidas, concretas, palpáveis, volumes, acidentes, aquela pedra que eu sei que guarda água, ao longe aquele declive que eu sei que leva ao sal, aquela escassa sombra que me abrigou na infância, essa remota dobrra, na distância, que me ensinou a desdobrar o ser, a experimentar sem estar, ubíquo, perdido para o mundo do tino comum.(...) p. 106-7

“Perdido para o mundo do tino comum” inscreve-se como uma espécie de senha também para a leitura desse seu texto em que de maneira desabrida surge o recurso à imaginação poética para percorrer aqueles espaços que não se deixam desvendar apenas pela racionalidade objetiva. E leva com ele o leitor, convocado para ver as coisas de outro modo, colocando em jogo o discurso racionalista que tem dificuldade em perscrutar a lógica daqueles grupos que não o têm como paradigma e a dicção exotizante alimentada por outros discursos, inclusive daqueles que pugnam por uma visão nacionalista orientada pelos esquemas ocidentalizados ou ocidentalizantes que predominam em tantos países africanos.

Essa distância existente entre os modos de estar no mundo não é apenas tematizada, ela se projeta na construção do texto que em sua fatura incorpora estranhamentos impedindo que o leitor ganhe uma familiaridade que só aprofundaria os equívocos que cercam a matéria tratada. Coerente com a dimensão literária que conjuga, o narrador recorda-nos a

todo momento que a linguagem não é transparente, que ela querendo comunicar, muitas e muitas vezes, turva o objeto que pretendemos conhecer. A crise de que se ocupa neste, como em diversos outros textos, é funda e ele recusa-se a abordá-la numa linguagem que lhe obscureça a profundidade.

A crise é funda, repito, e não se restringe àquele pedaço de Angola. Ao contrário as tensões por ele focalizadas exprimem o quadro revoltado em torno dos problemas que envolvem o debate sobre o sentimento nacional e, conseqüentemente, a discussão a respeito da identidade em Angola, considerando-se a relação entre os vários mundos que compõem o país, ou que deveriam compor.

Enfocado pela literatura desde que o sentido de nação começou a inquietar os angolanos, tal problema ganha no verbo de Ruy Duarte de Carvalho contornos diferenciados. Diferentemente do que era corrente nos anos 50 e 60, e que se estendeu nos anos seguintes à independência, ao fixar outra base de onde se vêem as coisas, o intelectual traz uma nova proposta que é a de inverter-se o ângulo de onde se vêem as coisas para se rearticular a dinâmica que o presente exige. Não é na capital ou da capital que se ancora o olhar que observa aqueles que estão inseridos no mapa que o colonialismo fundou e foi legitimado pela independência. Já na abertura, o escritor anuncia:

Em agosto de 1997 fiz mais uma ronda pela província do Namibe, sudoeste de Angola, onde desde 1992 mantenho um contacto frequente com alguns pastores kuvale. Estava previsto acompanhar-me, para se inteirar da terra e das gentes, e olhar para Angola a partir dali um amigo meu, fixado em Londres repórter da BBC.

“(...) para se inteirar da terra e das gentes, e olhar Angola a partir dali (...) “. A noção parece clara: é fundamental incorporar outros postos de observação. A atividade literária que ajudou a fazer de Luanda um espaço de resistência pode e deve multiplicar os locais de cultura, para usar a expressão de H. Bhabha. Se a História participou numa concepção

de romance valorizada pelo desenvolvimento do sistema literário, comprometido com a idéia de elaborar um projeto de identidade, a Antropologia integra-se à Literatura, formando uma espécie de cadeia multidisciplinar mais apta a melhor flagrar alguns dos movimentos da dinâmica cultural encenada nesse cenário particular que segue semeando perplexidades e impondo a necessidade de novas formas de abordagem. Deslocar o ponto de onde se mira o país e, com isso, e com a constituição de novas linguagens perseguir outros sinais de identidade assomam como marcas que a obra de Ruy Duarte de Carvalho traz às discussões que devemos continuar travando a respeito das sociedades angolanas..